

CLAMORES DE SODOMA E GOMORRA

Socorro Guterres¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar aspectos da obra *Sodoma e Gomorra*, de Marcel Proust, sobretudo no que diz respeito ao complexo personagem Sr. de Charlus, cujos sinais a escritura de Proust instiga a desvendar.

PALAVRAS-CHAVE: Sodoma e Gomorra. Sr. de Charlus. Marcel Proust.

ABSTRACT

This study aims to analyze aspects of the work *Sodoma e Gomorra*, by Marcel Proust, mostly on what concerns the complex character of Mr. Charlus, whose traces Proust's writing stimulates to unveil.

KEYWORDS: Sodoma e Gomorra. Mr. Charlus. Marcel Proust

Por causa disso os entregou Deus a paixões infames, porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza, semelhantemente os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sexualidade, cometendo torpeza, homem com homem, e recebendo em si mesmo a merecida punição de seu erro (Epístola de Paulo aos Romanos 1: 26-27).

Sodoma e Gomorra são as duas cidades da planície palestina que, segundo o relato da Bíblia, Deus castiga com fogo e enxofre descido do céu pela prática de atos imorais de seus habitantes, como a tentativa de todos os homens de Sodoma “assim os moços como os velhos” de fazer sexo com os dois visitantes da casa de Ló. Essas cidades estão, portanto, perfeitamente adequadas a denominarem o quarto volume de *Em busca do tempo perdido*² (*À la Recherche du temps perdu*),

¹ Socorro Guterres (Natal, RN) é graduada em Odontologia (UFPA) e Letras (UFRN). Mestre em Literatura Comparada (UFRN).

² PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2005 (Em busca do tempo perdido, v. 4).

obra-prima de Marcel Proust (1871-1922), pois, de acordo com Edmund Wilson: “É típico de Proust que, embora os vícios com que lida o fascinem e deles extraia boa dose de comédia, tenha dado a essa parte de seu romance o título bíblico de *Sodoma e Gomorra* e nos tenha feito sentir que todas as personagens são danadas”³. Cita ainda Edmund Wilson o “extraordinário êxito do herói tragicômico da *Sodoma de Proust, Mr. de Charlus*”⁴. Harold Bloom também expõe Proust como um mestre da tragicomédia, modo pelo qual o escritor francês se permitiu, segundo Bloom, “um distanciamento representacional a explorar a então, em parte, proibida questão do homossexualismo”⁵. Assim como os refugiados sodomitas e gomorrianos perdem suas cidades paradisíacas, os homossexuais na ficção de Proust parecem antes exilados de si mesmos, o que me faz lembrar o discurso de Aristófanes, em *O Banquete*⁶, sobre o mito de que outrora havia três sexos humanos: o masculino, o feminino e um terceiro composto ao mesmo tempo dos dois primeiros, ou seja, o andrógino. Tanto os homens quanto as mulheres e os andróginos possuíam duas faces semelhantes em uma só cabeça para esses dois rostos opostamente colocados; possuíam também dois órgãos de geração e tudo o mais na mesma proporção. Esses seres, “robustos e vigorosos”, tiveram a audácia de escalar o céu e atacar os deuses e, por castigo de Zeus, foram divididos em dois, o que conduziu a uma incessante procura da integração primitiva. Assim os homossexuais estariam representados pelos homens e mulheres que buscam suas respectivas metades masculina e feminina, como, a meu ver, poderiam estar situados os sodomianos e gomorrianos de Proust. Os andróginos seriam então os heterossexuais. Ao anseio de restabelecer a unidade inicial, segundo Aristófanes, se dá o nome de Amor. Analogamente o crítico alemão Walter Benjamin revela que na *Recherche* há uma idéia elegíaca da felicidade que representaria o eterno mais uma vez, ou melhor, “a eterna restauração da felicidade primeira e original”⁷. Todos esses pensamentos me

³ WILSON, Edmund. PROUST, Marcel. In: *O Castelo de Axel*. Estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 117.

⁴ _____. *O Castelo de Axel*. Estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 104.

⁵ BLOOM, Harold. *O cânone ocidental. Os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, p. 380.

⁶ PLATÃO. *Apologia de Sócrates. Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

⁷ BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura* (Trad. de Sérgio Rouanet, Pref. de Jeanne Marie Gagnebin). São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras escolhidas I), p. 39.

levaram a escolher, dentre os vários homossexuais da ficção proustiana, o Barão de Charlus como tema para minhas reflexões neste trabalho, sobretudo no que estiver relacionado à seqüência *Sodoma e Gomorra*, na qual o personagem tem papel relevante.

Nos sete tomos de *Em busca do tempo perdido* com freqüência transparece uma certa dose de sexualidade, geralmente associada à prática do olhar do narrador, destacando-se a cena de lesbianismo entre a Senhorita Vinteuil e uma amiga, em *O Caminho de Swann*⁸, bem como o encontro amoroso de Charlus com o alfaiate Jupien, em *Sodoma e Gomorra*. Essas célebres passagens da trama presenciadas furtivamente por Marcel, narrador-protagonista, quebram tabus e transmitem uma carga de sensualidade que certamente toca o leitor, pois, segundo Georges Bataille, “toda a atividade do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto onde ficamos sem forças”⁹. Deste modo, uma das explicações sobre o homossexualismo, feita pelo narrador em *Sodoma e Gomorra* (obra doravante identificada pela abreviatura SG) ocorre justamente após o encontro de Charlus com o alfaiate Jupien, associado à união do besouro com a orquídea, flor bissexuada com estrutura reprodutora única resultante da fusão do órgão masculino (antera) com os femininos (estigma e ovário), que apresenta ainda o pistilo em forma fálica e cujo nome deriva do grego *orctis*, “testículo”. Para efetuarem a fecundação de outras flores, as orquídeas necessitam transportar os grãos de pólen, produzidos na antera, por meio de polinizadores, em geral insetos, como os besouros. Assim, ressalto a seguinte apreciação do narrador Marcel após a situação citada:

De resto, compreendia eu agora por que, um momento antes, quando o via sair de casa da sra. de Villeparisis, me pareceu que o sr. de Charlus tinha o aspecto de uma mulher; era-o! Pertencia à raça desses seres menos contraditórios do que parecem, cujo ideal é viril justamente porque seu temperamento é feminino, e que na vida são semelhantes, em aparência apenas, aos demais homens; ali onde cada qual traz consigo, nesses olhos pelos quais vê todas as coisas do universo, uma silhueta gravada na pupila, não é para eles a de uma ninfa, mas a de um efebo. Raça sobre a qual pesa uma maldição e que tem de viver em mentira e perjúrio, já que sabe que se tem por punível e inconveniente, por inconfessável, o seu desejo, o que constitui para cada criatura a máxima doçura de viver; que tem

⁸ PROUST, Marcel. *O caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006 (Em busca do tempo perdido, v. 1).

⁹ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: ARX, 2004, p. 28.

de renegar a seu Deus, porque ainda sendo cristãos, quando aparecem ante o tribunal como acusados, diante de Cristo e em seu nome não de defender-se como de uma calúnia do que é a sua própria vida; filhos sem mãe, a quem são obrigados a mentir toda a sua vida e inclusive na hora de lhe fechar os olhos; amigos sem amizades apesar de todas as que inspira o seu encanto frequentemente reconhecido e das que o seu coração, amiúde bondoso, sentiria; mas pode-se chamar de amizades a essas relações que não vegetam senão a favor de uma mentira e de onde os faria repelir com asco o primeiro impulso de confiança e de sinceridade que se sentissem tentados a ter, a não ser que encontrem um espírito imparcial, simpatizante até, mas que então, ofuscado a respeito deles por uma psicologia de convenção, fará proceder do vício confessado o mesmo afeto que é mais alheio a ele, assim como certos juizes supõem e desculpam mais facilmente o assassinato nos invertidos e a traição nos judeus por motivos tirados do pecado original e da fatalidade da raça (SG, p. 23-24).

Esse amplo comentário que apresenta a inversão do masculino com uma forte conotação de desvio sexual, tendo como parâmetro Charlus, define um padrão do que o narrador chama de “parte condenada da coletividade humana”, a qual contaria com adeptos em toda a parte. Em Charlus, a transformação não é apenas física, como lhe denunciam os trejeitos efeminados, mas também espiritual, pois, “À força de pensar ternamente nos homens, tornamo-nos mulher, e uma saia postiça nos trava o passo,” ressalta o narrador (SG, p. 295). Convém lembrar, porém, que na Grécia antiga o homossexualismo era aceito e considerado até mesmo como forma de relacionamento amoroso superior ao heterossexualismo, passando a comportamento pecaminoso pela cultura judaico-cristã, fato destacado por Marcel ao relatar que anteriormente “não havia anormais quando a homossexualidade era a norma” (SG, p. 25). Com o passar do tempo, os homens-mulheres, descendentes dos habitantes de Sodoma, poupados do fogo do céu tornaram-se tão numerosos, como retoma o narrador, que ‘Se alguém puder contar os grãos de pó da terra, poderá contar essa posteridade’ (SG, p. 39).

Uma faceta a se distinguir em Charlus é a obsessão que ele tem por Morel (jovem músico militar), aspecto que procuro compreender apoiando-me na análise de Nicolas Grimaldi, *O ciúme. Estudo sobre o imaginário proustiano*¹⁰, que caracteriza esse sentimento nos personagens da *Recherche* não só como uma atitude mental, mas também como um sofrimento ou uma dor física. Essa dor é

¹⁰ GRIMALDI, Nicolas. *O ciúme. Estudos sobre o imaginário proustiano*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

pungente em Charlus, levando-o até mesmo a criar um duelo fictício, ao ser menosprezado por Morel, tentando desse modo manter o amado em sua companhia. A afeição de Charlus por Morel é extremamente possessiva podendo ser identificada ao amor-paixão, disposição afetiva que para Sócrates em *Fedro*¹¹, é um tipo de amor nocivo. Relativamente ao amor e ao ciúme em Charlus, o narrador, sob o humor inteligente de Proust, refere-se às impressões que os companheiros habituais de Charlus, os “fiéis” freqüentadores dos jantares na residência dos Verdurin, têm sobre o excêntrico barão:

As máximas mais simples que, habilmente provocado pelo universitário ou escultor, o sr. de Charlus anunciava sobre o amor, o ciúme ou a beleza, devido à experiência singular, secreta, refinada e monstruosa onde ele os havia haurido, tomavam para os fiéis esse encanto do exotismo que uma psicologia análoga à que sempre nos ofereceu nossa literatura dramática assume numa peça russa ou japonesa representada por artistas nipônicos ou russos. Arriscavam ainda, quando ele não o ouvia, algum gracejo de mau gosto: – Oh! – cochichava o escultor, ao ver um empregado de longos cílios de bailarina e que o sr. de Charlus não pudera impedir-se de encarar – se o barão começa a namorar o picotador, não chegaremos nunca, pois o trem vai andar de costas. Reparem só a maneira como ele o olha! Não é mais numa estrada de ferro que nós estamos, é num funicular. – Mas no fundo, se não vinha o sr. de Charlus, ficavam quase decepcionados por viajarem apenas entre gente como todo mundo e não terem junto de si aquele personagem pintalgado, pançudo e fechado, semelhante a alguma caixa de proveniência exótica e suspeita que deixa escapar um curioso odor de frutas, aos quais a simples idéia de provar nos causaria náuseas (SG, p. 418).

Na verdade, o romance de Proust, na integridade dos livros que o compõe, investiga o sentido da vida, o que é perfeitamente esclarecido no estudo de Gilles Deleuze, *Proust e os signos*, o qual diz que *À la recherche du temps perdu* é uma busca da verdade. Nesse trabalho, Deleuze relata que são quatro os tipos de signos encontrados na *Recherche*: os mundanos (vazios), os signos do amor (mentirosos), os das qualidades sensíveis (verdadeiros) e os signos essenciais da arte, que transformam os outros. Deleuze revela ainda que na obra de Proust, “Charlus é o mais prodigioso emissor de signos, pelo seu poder mundano, seu orgulho, seu senso teatral, seu rosto e sua voz”¹². Porém, como é movido pelo amor, Charlus não representaria nada nos salões dos Verdurin, pois para Deleuze o amor proustiano

¹¹ PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

¹² DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 6.

teria duas leis: a primeira é subjetiva, em que o ciúme seria mais profundo do que o amor, já que conteria a verdade do amor; a segunda lei do amor proustiano se ligaria à primeira: os amores intersexuais seriam menos profundos que a homossexualidade. Enfim, para Deleuze, o mundo do amor proustiano transitaria dos signos reveladores da mentira aos signos ocultos de *Sodoma e Gomorra*. Ademais, na conclusão da primeira parte de *Proust e os signos*, Deleuze esclarece que a *Recherche* é “antes de tudo, uma busca da verdade, em que se manifesta toda a dimensão ‘filosófica’ da obra de Proust, em rivalidade com a filosofia”¹³. Para Deleuze, Proust constrói uma imagem do pensamento oposta a da filosofia combatendo, essencialmente, seus pressupostos. O filósofo se predispõe premeditadamente a pensar, o que para Proust, segundo Deleuze, manteria as verdades arbitrárias e abstratas, já que a verdade não é voluntária, mas sim involuntária. Então, a busca da verdade seria a aventura própria do involuntário, pois sem algo que force a pensar, o pensamento nada significa e o que nos força a pensar é o signo, e as essências, de acordo com Deleuze, se enrolariam no signo nos forçando a pensar e se desenrolariam para serem necessariamente pensadas.

Deleuze esclarece também que Proust “Não se contenta em isolar especificamente uma homossexualidade maldita”¹⁴, já que o tema da culpabilidade se entrelaça com “um tema de inocência, a sexualidade das plantas”. Desse modo, para Deleuze, a complexa teoria proustiana se apresenta em níveis: primeiro, os amores intersexuais; em segundo haveria duas direções: “a de Gomorra, que esconde o segredo cada vez revelado, da mulher amada, e a de Sodoma, que traz o segredo ainda mais oculto, do amante”¹⁵. Nesse último nível se sobrepõe a idéia de culpabilidade. Assim, nas duas direções homossexuais, na série de Gomorra estariam as mulheres e na de Sodoma, os homens. Todavia, um terceiro nível seria o transexual, que traria os dois sexos, os quais não se comunicam, e como o hermafroditismo das plantas precisa de “um terceiro (o inseto) para que a parte feminina seja fecundada ou para que a parte masculina seja fecundante”¹⁶. Ainda segundo Deleuze:

¹³ _____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 93.

¹⁴ _____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 133.

¹⁵ _____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 133.

¹⁶ _____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 135.

Com efeito, pode acontecer que um indivíduo globalmente determinado como masculino procure, para fecundar sua parte feminina com a qual ele próprio não pode se comunicar, um indivíduo globalmente do mesmo sexo que ele (o mesmo acontecendo com a mulher e sua parte masculina). (DELEUZE, 1987. p. 135).

Outro aspecto analisado por Deleuze, e de importância para este trabalho, é a loucura de dois dos personagens principais da *Recherche*, Charlus e Albertine, os quais representam, respectivamente, a homossexualidade masculina e feminina. No caso de Charlus, Deleuze revela que o segredo do personagem “é menos a homossexualidade, de há muito previsível e adivinhada, do que um regime geral que faz dessa homossexualidade um caso particular de uma loucura mais profunda, em que se entrelaçam de todos os modos a inocência e o crime”¹⁷.

Outrossim, na *Recherche* há uma circularidade em que mudanças e repetições significativas, como os ciúmes de Swann, em *O Caminho de Swann*, de Marcel, *No Caminho de Guermantes*¹⁸, e mesmo os ciúmes de Charlus em *Sodoma e Gomorra*, estipulam uma teoria do amor, marcada por frustrações que impedem encontrar a felicidade em outrem, invalidando assim o amor romântico do senso comum, pois o ciúme gera a dúvida que vai despertar a busca da verdade. Chauí expõe, em *Convite à Filosofia*¹⁹, um excerto de *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, alusivo aos sentimentos decorrentes das mudanças, renovações e repetições das coisas e dos seres humanos, que pode ser associado à história de Proust, a qual de acordo com Jacques Barzun “sublinha o efêmero, o evanescente de todas as coisas e, em particular, do mundo social e artístico que o narrador tenta reconstruir na memória”²⁰:

Não há coisa alguma que persista em todo o Universo. Tudo flui, e tudo só apresenta uma imagem passageira. O próprio tempo passa com um movimento contínuo, como um rio... O que foi antes já não é, o que não tinha sido é, e todo instante é uma coisa nova. Vês a noite, próxima do fim, caminhar para o dia, e à claridade do dia suceder a escuridão da noite... Não vês as estações do ano se sucederem, imitando as idades de nossa vida? Com efeito, a primavera, quando

¹⁷ _____ . *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 175.

¹⁸ PROUST, Marcel. *No caminho de Guermantes*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006 (Em busca do tempo perdido, v. 2).

¹⁹ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2005, p. 31.

²⁰ BARZUN, Jacques. *Da alvorada à decadência: a história da cultura ocidental de 1500 aos nossos dias*. [trad. De Álvaro Cabral] Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 770.

surge, é semelhante à criança nova... a planta nova, pouco vigorosa, rebenta em brotos e enche de esperança o agricultor. Tudo floresce. O fértil campo resplandece com o colorido das flores, mas ainda falta vigor às folhas. Entra, então, a quadra mais forte e vigorosa, o verão: é a robusta mocidade, fecunda e ardente. Chega, por sua vez, o outono: passou o fervor da mocidade, é a quadra da maturidade, o meio-termo entre o jovem e o velho; as temporadas embranquecem. Vem, depois, o tristonho inverno: é o velho trôpego, cujos cabelos ou caíram como as folhas das árvores, ou, os que restaram, estão brancos como a neve dos caminhos. Também nossos corpos mudam sempre e sem descanso... E também a natureza não descansa e, renovadora, encontra outras formas nas formas das coisas. Nada morre no vasto mundo, mas tudo assume aspectos novos e variados... todos os seres têm sua origem noutros seres. Existe uma ave a que os fenícios dão o nome de fênix. Não se alimenta de grãos ou ervas, mas das lágrimas do incenso e do suco da amônia. Quando completa cinco séculos de vida, constrói um ninho no alto de uma grande palmeira, feito de folhas de canela, do aromático nardo e da mirra avermelhada. Ali se acomoda e termina a vida entre perfumes. De suas cinzas, renasce uma pequena fênix, que viverá outros cinco séculos... Assim também é a natureza e tudo o que nela existe e persiste (CHAUI, 2005, p. 31).

Esse trecho é inspirador para o presente estudo da *Recherche*, em que procuro salientar o personagem Charlus na obra ficcional de Proust, que não é um memorialismo, mas uma reflexão, ou uma filosofia poética, ao formato de um romance antigo, de articulação coesa, pois em *O tempo redescoberto*²¹, volume que fecha a série *Em busca do tempo perdido*, o narrador encontra o barão já velho e o confunde com um ator e depois com um pintor, homossexuais como ele:

Um segundo, fiquei sem saber quem me cumprimentava: era o sr. de Charlus. Pode-se dizer que, nele, a evolução do mal ou a revolução do vício atingira o ponto extremo onde a pequena personalidade primitiva do indivíduo, suas qualidades ancestrais, são inteiramente interceptadas pela passagem do defeito ou da tara genérica que o acompanha. O sr. Charlus afastara-se tanto quanto possível de si mesmo, ou melhor, mascarara-se tão completamente com o que não só a ele, mas a muitos invertidos pertencia, que à primeira vista, andando assim atrás de zuavos em pleno bulevar, parecera-me outro, outro que não o sr. de Charlus, que não um grande senhor, que não um homem de imaginação e de espírito, outro cuja semelhança com o barão se cifrasse àquele ar comum a todos, que agora, ao menos para quem não se detinha em examiná-lo, inteiramente o recobria (PROUST, 2006, p. 64).

²¹ PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006. (Em busca do tempo perdido, v. 7), p. 64.

Para o narrador isso seria uma atenuação das características individuais de Charlus, de onde emerge então o “modelo geral do invertido”, segundo explica Antonio Candido em *Realidade e Realismo (Via Marcel Proust)*²², para quem o barão, o pintor, o ator “são manifestações de um padrão, e descrever isoladamente cada um em si deve levar a descobrir a realidade profunda”. Nas páginas finais de *O tempo redescoberto* resgata-se bem a idéia das modificações ocorridas pela sucessão dos anos:

Assim, no *faubourg* Saint-Germain, as posições aparentemente inexpugnáveis do duque e da duquesa de Guermantes, do barão de Charlus haviam perdido sua inviolabilidade, do mesmo modo por que mudam todas as coisas neste mundo, pela ação de um agente interior no qual ninguém pensara: no sr. de Charlus, o amor por Charlie, que o escravizara aos Verdurin, e a caduquice; na sra. de Guermantes, a mania da novidade e da arte; no sr. de Guermantes, uma paixão exclusivista, como já tivera muitas, feita, mais tirânica pela fraqueza da idade, e a cujos desmandos já não opunha seu desmentido, seu resgate mundano o austero salão da duquesa, onde não se via o duque, e que, aliás, quase não funcionava mais. Assim se altera a configuração de tudo, assim o centro dos impérios, e o cadastro das fortunas, e a carta dos privilégios, o que parecia definitivo, é perpetuamente reformado, e um homem vivido vê com seus olhos a transformação mais completa justamente onde a crera impossível (PROUST, 2006, p. 268).

Embora alguns críticos apontem como fundamento filosófico da *Recherche* a tese de Bergson sobre o tempo como duração contínua da consciência, o que parece se destacar no romance proustiano é a idéia de que o tempo perdido da vida pode ser recuperado por meio da obra de arte, o que está explícito na concepção da própria *Recherche*. Finalizo, então, após as correlações empregadas na tentativa de descobrir os significados de Charlus na escritura ímpar de Proust, acreditando que o complexo personagem traz em si o embate do masculino e do feminino e, sobrecarregado de humanidade, adquire uma dimensão especial de homem-mulher e assim é preservado pela Arte, que torna perene a essência de todas as coisas, de todos os seres, de todas as verdades.

²² CANDIDO, Antonio. *Realidade e Realismo*. (via Marcel Proust). In: *Recortes/ Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 128.

REFERÊNCIAS

- BARZUN, Jacques. *Da alvorada à decadência: a história da cultura ocidental de 1500 aos nossos dias*. [trad. de Álvaro Cabral] Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: ARX, 2004.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura* (Trad. de Sérgio Rouanet, Pref. de Jeanne Marie Gagnebin). São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras escolhidas I).
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental. Os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *Realidade e Realismo. (via Marcel Proust)*. In: *Recortes/ Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GRIMALDI, Nicolas. *O ciúme: Estudos sobre o imaginário proustiano*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- _____. *Apologia de Sócrates. Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006. (Em busca do tempo perdido, v. 7).
- _____. *No caminho de Guermantes*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006 (Em busca do tempo perdido, v. 2).
- _____. *O caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006 (Em busca do tempo perdido, v. 1).
- _____. *Sodoma e Gomorra*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2005 (Em busca do tempo perdido, v. 4).
- WILSON, Edmund. PROUST, Marcel. In: *O Castelo de Axel*. Estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930. São Paulo: Cultrix, 1987.